



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | DOSSIÊ

Professoras, professores e suas imagens sobre currículo

Teachers and their images on curriculum

*Maestras, maestros y sus imágenes sobre el currículo*Carmen Eloísa Berlote Brenner
Maria Cecília Lorea Leite

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi compreender a representação de currículo de um grupo de professores e professoras da Educação Básica da rede pública. Para o grupo participante da pesquisa, foi enviada a seguinte questão: “Escolha ou produza uma imagem, com uma pequena descrição, que represente o que é Currículo para ti”. A análise das imagens foi realizada à luz do livro *Teorias de Currículo*, de Lopes e Macedo (2011). Os resultados evidenciaram o protagonismo dos professores e das professoras, a pluralidade teórica e o vínculo com a linguagem escrita. Os resultados instigam a pensar a educação coletivamente na busca por um currículo democrático.

Palavras-chave: currículo; imagens; professores e professoras.

ABSTRACT

The objective of this work was to understand the representation of curriculum of a group of public-school Basic Education teachers. The following question was sent to the group participating in the research: “Choose or produce an image, with a small description, that represents what a Curriculum is for you”. The analysis of the images was carried out in the light of the book *Teorias de Currículo*, by Lopes and Macedo (2011). The results showed the protagonism of the teachers, the theoretical plurality and the bond with the written language. The results encourage thinking about education collectively in the search for a democratic curriculum.

Keywords: curriculum; images; teachers.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo fue comprender la representación del currículo en un grupo de maestros y maestras de Educación Primaria de la red pública. Para el grupo participante de la investigación fue enviada la siguiente cuestión: “Elija o produzca una imagen, con una

pequena descripción, que represente lo que es Currículo para usted”. El análisis de las imágenes fue realizado a la luz del libro Teorías del Currículo, de Lopes e Macedo (2011). Los resultados mostraron el protagonismo de los maestros y las maestras, la pluralidad teórica y el vínculo con el lenguaje escrito. Los resultados alientan a pensar la educación colectivamente en la búsqueda por un currículo democrático.

Palabras-clave: currículo; imágenes; maestros y maestras.

Considerações introdutórias

O presente texto é resultado de discussões e estudos sobre a produção de imagens e a sua relevância na pesquisa acadêmica da área de Educação. Compreendendo que as imagens permeiam o cotidiano, pois se vive em um mundo completamente provido delas – sejam nas produções artísticas, jornalísticas, de *marketing*, registros fotográficos, desenhos ou até mesmo cenas que ficam armazenadas na memória – e entendendo os seres humanos como produtores de imagens, estas se configuram em importantes elementos que auxiliam no aprofundamento das realidades estudadas, permitindo uma conexão mais efetiva com o objeto de estudo.

Partindo da premissa sobre o potencial do arcabouço imagético na tentativa de compreender a sociedade em si e as suas nuances, objetivou-se aliar essa ferramenta à esta pesquisa, que tem como foco o entendimento de currículo de um grupo de professores e professoras da Educação Básica da rede pública. A concepção de currículo utilizada como guia para essa análise é a apresentada por Lopes e Macedo (2011), que definem o currículo como uma área complexa e delicada, sendo difícil buscar uma definição única.

Por tratar-se de um campo muito heterogêneo e de múltiplos interesses, Lopes e Macedo (2011) delimitam-no apenas sob um aspecto em comum entre as ideias que são expostas na tentativa de compreender o que é currículo, sendo essa característica “[...] a organização, prévia ou não, de experiências/situações de aprendizagem realizada por docentes/redes de ensino de forma a levar a cabo um processo educativo” (LOPES; MACEDO, 2011, p. 19). Assim, seguindo a ideia dos estudos sobre currículo e da percepção sobre o quanto os movimentos curriculares podem ser complexos, buscou-se aliar as imagens à presente análise, entendendo como o universo imagético pode ser um potente recurso investigativo.

Destaca-se que as proposições imagéticas não são entendidas neste estudo simplesmente como comunicação e/ou reflexo do mundo, mas, sim, como elementos construtivos da esfera social e cultural (HERNÁNDEZ, 2006). Por meio de imagens, objetivou-se compreender a representação de currículo de alguns professores e algumas professoras da Educação Básica da rede pública da região central do estado do Rio Grande do Sul (RS), entendendo que as imagens manifestadas pelo grupo são linguagens que compõem o seu trabalho pedagógico¹ diário. Foram convidados/as a participar do trabalho quatro docentes da rede pública de Educação Básica, sendo uma professora da Educação Infantil, um professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental, uma professora dos anos finais do Ensino Fundamental e uma professora do Ensino Médio.

Entendendo que “[...] os sujeitos não somente veem, mas, são objeto de outros olhares e de si mesmos” (DIAS; MARTINS, 2014, p. 135), o convite feito aos/às participantes da pesquisa possibilitou que eles/as olhassem para si mesmos/as e para as suas concepções e expressassem visualmente o que compreendem por currículo. Desse modo, para o professor e as três professoras participantes da pesquisa, foi enviada a seguinte questão: “Escolha ou produza uma imagem, com uma pequena descrição, que represente o que é Currículo para ti”. O professor e as três professoras participantes tiveram a liberdade para decidir qual tipo de imagem utilizariam para realizar a representação, apenas sendo orientados/as a apresentarem a referência no caso de uso de imagem produzida por outra pessoa e a não exporem rostos ou elementos de identificação no caso de produção de fotografia. Ao final do prazo acordado entre a pesquisadora e o grupo participante, foram retornados três dos quatro convites feitos, sendo uma fotografia, um desenho feito à mão e uma imagem produzida a partir de um programa de criação/edição de imagens.

Na sequência, a proposta foi buscar a realização de uma análise dessas imagens à luz do livro *Teorias de Currículo*, de Lopes e Macedo (2011), tratando-se de obra que aborda diferentes teorias curriculares e se torna uma

¹ Utiliza-se para esta análise o conceito de Trabalho Pedagógico elaborado por Ferreira (2017), o qual se caracteriza como a centralidade do trabalho dos professores e das professoras, sendo todo o pensar e agir com objetivo pedagógico.

leitura relevante para pesquisadoras e pesquisadores dessa área. A análise imagética foi fundamentada na perspectiva de Cunha (2014, p. 160) sobre os registros imagéticos, os quais “[...] servem como suporte para formular considerações sobre a infinidade de artefatos culturais-visuais que afetam nossas vivências e nos posicionam frente ao mundo”. Nesse sentido, destaca-se que a intenção não foi “catalogar” os significados que o grupo participante da pesquisa atribui ao currículo, mas, sim, propor aproximações entre as imagens e as teorias curriculares como maneira de estimular o debate e a reflexão sobre as temáticas apresentadas.

A fotografia e o cotidiano

A partir da perspectiva dos estudos da Cultura Visual, Martins (2015) discute o papel da imagem no meio social, não sendo mais considerada apenas como um artefato estético contemplativo, mas exercendo uma importante função na construção social e/ou cultural em que está inserida. Cabe esclarecer que o autor não considera as imagens como elementos formadores em uma relação unilateral, mas, sim, por meio de uma troca bilateral, compreendendo que o ato de olhar também está carregado de pressuposições, expectativas e características que impactam a ação de enxergar as visualidades expostas e as implícitas também.

Esse intercâmbio entre imagem e sujeito pode ser muito bem exemplificado com a fotografia. Esse artefato se encontra extensivamente presente no cotidiano da vida moderna, revela pontos de vista sob a óptica do/a fotógrafo/a e do/a expectador/a por meio de sua interpretação. Além disso, o acesso à fotografia e ao ato de fotografar está crescendo cada vez mais, principalmente por meio dos celulares de baixo custo com câmeras fotográficas integradas.

A fotografia surgiu no início do século XIX e rapidamente foi incorporada pela sociedade (FISCHMAN, 2006). Sua popularidade cresce a cada dia, e a sua utilização é bastante diversificada. Segundo Fischman (2006), a análise de fotografias pode revelar tanto elementos visíveis em seu registro como os que não estão visíveis. Uma produção fotográfica foi a escolha da professora de Educação Infantil para representar o currículo (Imagem 1).

Imagem 1 – O currículo para uma professora de Educação Infantil



Fonte: Imagem cedida pela professora de Educação Infantil da rede pública (2021). Acervo da pesquisadora.

A fotografia produzida pela professora da Educação Infantil apresenta uma atividade que está sendo desenvolvida com uma criança. É possível visualizar um tecido estendido no chão com diversos elementos coloridos e de diferentes texturas. Na imagem, ainda aparecem dois pés e duas pernas de uma criança pequena, a qual devia estar atenta à diversidade dos elementos disponibilizados no material.

Em uma primeira análise, identificou-se a criança participante do registro como uma menina. O indício foi a cor do calçado e da roupa: cor-de-rosa. Embora não haja determinações para a utilização das inúmeras cores e suas composições, ainda é muito comum essa cor ser direcionada ao gênero feminino. Os direcionamentos de cores e de tantos outros elementos como roupas, acessórios, profissões, posturas e ações acabam por criar, imaginariamente, restrições de gênero. Essas restrições vão contribuindo para a manutenção da segregação que ainda existe entre o que seria um “mundo feminino” e um “mundo masculino”, cujos padrões são pré-determinados e tudo o que for diferente será classificado como errado.

A suposição de que a criança da foto é uma menina foi confirmada posteriormente em um novo contato feito com a professora autora da fotografia. Nesse sentido, Dias e Martins (2014, p. 135) entendem que, por meio da “[...] experiência visual, como fonte simbólica de informações, problemáticas são detectadas e catadas pelos estudos da cultura visual sobre o instável terreno

do cotidiano”, sendo possível ampliar as análises a partir de uma única imagem, como foi o caso ora debatido.

Ademais, o registro evoca um momento de aula na Educação Infantil e o trabalho pedagógico produzido cotidianamente na sala de aula. Na descrição da professora autora:

O currículo é muito importante, pois através do mesmo busco articular as experiências e os saberes das crianças com atividades concretas e oferecendo sempre atividades lúdicas, por meio das práticas planejadas de acordo com a realidade de cada criança e da turma (Participante da pesquisa, professora da Educação Infantil, 2021).

É importante observar a estreita relação da fotografia e da descrição da professora com as teorias curriculares que abordam a prática e os cotidianos como elementos fundamentais do currículo. Lopes e Macedo (2011) apresentam diversos autores e autoras que estudam os diferentes sentidos da prática, os impactos do cotidiano no currículo e vice-versa.

A fotografia apresentada revela claramente uma prática pedagógica, o que se confirma com a descrição da professora. Além do mais, a menção sobre essas práticas serem planejadas em concordância com a realidade de cada estudante e da turma remete à relevância que a professora dedica ao cotidiano escolar para a produção e o desenvolvimento do seu trabalho pedagógico.

Lopes e Macedo (2011) dissertam sobre importantes estudiosos que buscaram no decorrer do tempo compreender a relevância de levar em consideração a prática na organização curricular, a exemplo de Peter Woods, Donald Schön, Kenneth Zeichner e Ivor Goodson. Além disso, também apresentam a discussão dos estudos nos/dos/com os cotidianos da pesquisadora Nilda Alves. As autoras da obra *Teorias de Currículo* explicam que,

[...] para os estudos nos/dos/com os cotidianos, o currículo é aquilo que é praticado pelos sujeitos nos espaçostempos em que se esteja pensando a formação. Essa prática engloba, no entanto, todos os múltiplos contextos em que os sujeitos são constituídos como redes de subjetividades. Por tanto, os currículos formais, os conhecimentos científicos, as práticas hegemônicas estão na escola como também as crenças e os saberes que os sujeitos trazem, em si próprios, de outros lugares (LOPES; MACEDO, 2011, p. 162).

A valorização das práticas educacionais e dos cotidianos na organização curricular é fundamental para a produção de um trabalho pedagógico que considere as diferentes realidades e crenças, sejam de professoras/professores ou de estudantes. A vivência de um currículo que contempla e valoriza tais elementos auxilia na construção de uma justiça curricular, entendendo que

[...] é o conhecimento de nossas realidades mais imediatas, sempre interagindo com as mais próximas e as mais distantes, o que nos permite facilitar aprendizagens que nos ajudem a entender a complexidade do mundo global no qual vivemos e no qual devemos participar como cidadãos e cidadãs (SANTOMÉ, 2018, p. 26).

Nesse sentido, o currículo é compreendido como uma seleção cultural que permite o entendimento do que passou e do que está acontecendo no momento presente, além de proporcionar a perspectiva relacional do futuro, sendo viável o estabelecimento de um processo pedagógico amplo, plural e democrático (SANTOMÉ, 2018). A partir desse panorama, é possível conceber a ideia de participação plena dos sujeitos em seu próprio desenvolvimento educativo.

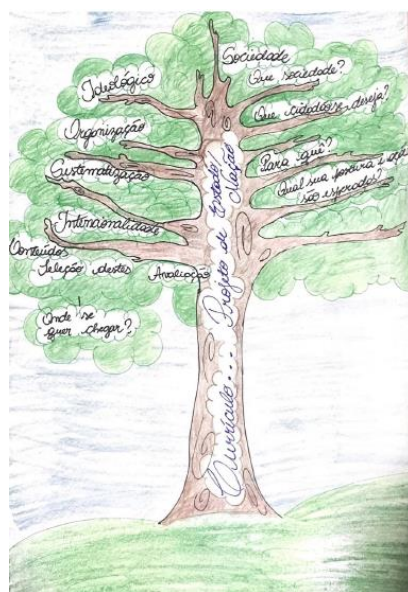
Desenho e emancipação

Os desenhos são registros pictóricos que acompanham a evolução humana há muito tempo. Desde os registros pré-históricos, tem sido revelada a potência dessa ferramenta para a expressão e a comunicação. No ciclo vital humano, o desenho aparece muito cedo na vida das crianças, e é uma ferramenta que pode auxiliar famílias e profissionais a descobrirem situações que não estão sendo verbalizadas. Contudo, na apreciação de uma imagem, é necessário levar em consideração que ela não estará desvinculada das questões históricas e subjetivas que formam o/a apreciador/a; além disso, uma produção imagética contém diversos elementos e discussões que ultrapassam uma simples definição (HERNÁNDEZ, 2006). O desenho carrega consigo, portanto, um emaranhado de significações, sendo um caminho de diversas possibilidades de leitura para quem o produz e para quem o visualiza.

Na pesquisa, essa tipologia de registro também é uma importante aliada. Conforme Leite e Dias (2016, p. 6), investigações que utilizam o campo

imagético “[...] endereçam seus olhares para a imagem como objeto de significações e, além disso, possibilitam compreender contextos a partir de inflexões sobre produções visuais”, tal como o desenho. A Imagem 2 apresenta a forma de registro escolhida pelo professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental para representar o que para ele é currículo.

Imagem 2 – O currículo para um professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental



Fonte: Imagem cedida pelo professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública (2021). Acervo da pesquisadora.

A imagem produzida pelo professor traz à lembrança a “Árvore dos Saberes” de René Descartes, descrita por Gallo da seguinte maneira:

[...] as raízes da árvore representariam o mito, como conhecimento originário; o tronco representaria a filosofia, que dá consistência e sustentação para o todo; os galhos, por sua vez, representariam as diferentes disciplinas científicas, que por sua vez se subdividem em inúmeros ramos. Interessante notar que a imagem da árvore, por mais que dê vazão ao recorte, à divisão e às subdivisões, remete sempre de volta à totalidade, pois há uma única árvore, e para além do conhecimento das partes, podemos chegar ao conhecimento do todo, isto é, tomando distância podemos ver a árvore em sua inteireza (GALLO, 2007, p. 3).

Na produção do professor, não há raízes, mas o seu tronco, que “dá consistência e sustentação para o todo”, está com a indicação “Currículo... Projeto de Estado/Nação”, dando a ideia de que essas categorias dão sustentação para as demais ramificações da árvore. Em seus galhos, estão

descritas as seguintes palavras/frases: “Ideológico – Sociedade - Organização – Que sociedade? – Que cidadão se deseja? – Sistematização – Para quê? – Intencionalidade – Qual sua postura e ações são esperadas? – Conteúdos – Seleção destes – Avaliação – Onde se quer chegar?”.

A descrição enviada pelo professor inicia com um trecho da obra *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire (1996), abordando o reconhecimento do quanto a educação é ideológica. Em seguida, ele explica a sua produção imagética com o seguinte parágrafo:

[...] o currículo é uma representação do Projeto de Estado/Nação que se deseja e com isso a sociedade que se espera. Através do currículo, são “desenhados” os cidadãos que se pretende formar, para quê e com qual comportamento diante da sociedade. Para isso, o currículo é organizado, é sistemático, intencional, com isso há seleção de conteúdos, acompanhamento, avaliação, retornando ao objetivo de sociedade/cidadão que se espera. A luta é contínua pela superação da formação para o “mercado” de trabalho, por uma formação integral para o “Mundo” do trabalho e vida em sociedade sendo transformador da própria realidade, reflexivo e crítico. Portanto o currículo é uma representação de poderes e é possível de transformações, dependendo das lutas que se travam (Participante da pesquisa, Professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental, 2021).

O currículo representa um campo de lutas constantes, no qual existem questões em jogo quando se faz uma ou outra opção curricular. Além desses elementos, é possível verificar, por meio da imagem e da descrição, que o currículo para o professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental é o que vai dar sustentação para uma sociedade com o que ele julga ser ideal para uma formação integral.

As ideias expressas pelo docente vão ao encontro das Teorias Curriculares de Emancipação e Resistência apresentadas por Lopes e Macedo (2011); entretanto, também é evidenciada a teoria de reprodução de Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron apresentada pelas autoras em questão. Pela descrição do desenho, fica evidente a ideia de que a escola reproduz padrões sociais e culturais de determinada classe social, precisando as demais aceitar esses ideais como sendo seus e classificarem os originários como “inadequados” por fugirem do padrão socialmente estabelecido.

Na visão de Lopes e Macedo (2011, p. 34), Paulo Freire, em seus estudos e obras, “[...] propõe uma pedagogia baseada no diálogo e, nesse

sentido, vai além da análise das formas de funcionamento da ideologia e da hegemonia, defendendo a possibilidade da educação se contrapor à reprodução”. A descrição feita pelo professor e o desenho evocam expectativas de mudança, as quais estariam fomentadas em questionamentos sobre outra possibilidade social sustentada pela conexão entre currículo e um projeto de estado/nação.

Nessa perspectiva, a escola configurar-se-ia como um espaço de resistência à reprodução social daquilo que um grupo julga ser o correto, promovendo a possibilidade de emancipação humana independentemente da classe social, gênero, raça. Como elucidam Lopes e Macedo (2011, p. 166):

As teorias da resistência operam vinculadas ao compromisso da emancipação, pois defendem a necessidade de que seja exacerbada nos processos escolares a possibilidade de explicitar contradições vividas pelos sujeitos. A emancipação, nesse sentido, é um critério para se identificar a resistência e sua efetiva refutação das formas de dominação e submissão.

A emancipação proporcionaria a preparação de pessoas com consciência crítica, capazes de identificar situações de opressão e resistir a elas, além da possibilidade de uma transformação social. As teorias curriculares apresentadas a partir da produção visual do professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental colocam o currículo em movimento, pois há uma busca, um ideal a ser concretizado, contribuindo para uma constante avaliação dos processos pedagógicos adotados e seus objetivos.

Produção visual gráfica e planejamento curricular

Os recursos tecnológicos para a produção de imagens estão em constante atualização. Essas ferramentas auxiliam os mais variados campos e áreas, e as produções visuais ganham espaço maior na vida das pessoas, seja para fins profissionais ou pessoais. Cunha (2015) argumenta que as imagens contemporâneas estão cada vez mais produzindo as relações interpessoais, com o conhecimento e com o mundo de maneira geral, enfatizando o câmbio que existe nas maneiras de ver e produzir as imagens, sendo elencadas as novas tecnologias como uma das propulsoras da ampliação da circulação imagética na sociedade. Uma produção visual gerada a partir de ferramentas

tecnológicas foi a escolha da professora do Ensino Médio da rede pública para representar o currículo (Imagem 3).

Imagem 3 – O currículo para uma professora do Ensino Médio



Fonte: Imagem cedida pela professora do Ensino Médio da rede pública (2021). Acervo da pesquisadora.

A imagem produzida pela professora do Ensino Médio apresenta um círculo na cor azul com várias palavras e pequenas frases em seu interior. Os enunciados gramaticais são de diversas cores e tamanhos, tendo especial destaque as seguintes palavras: dosagem; sequenciação; valores e práticas; seleção; grade curricular. Os elementos de menor destaque são: planejamento com prática dialógica; conhecimentos; experiências ligadas ao conhecimento; ideias em conjuntos de natureza disciplinar; integração; seleção para produção de significados; interdisciplinaridade; experiências ligadas às vivências; conteúdos da cultura; instrumento de controle social.

Em um trecho da descrição feita pela professora, é relatado o seguinte:

Currículo é algo abrangente, que vai muito além de uma grade curricular com os conteúdos das diversas áreas. Envolve um planejamento que implica o envolvimento de todos (corpo discente e docente) e uma prática dialógica que proporcione construções integradoras, as quais possibilitam sair da ideia do currículo-trilha – um único caminho a seguir [...] (Participante da pesquisa, Professora do Ensino Médio, 2021).

A imagem produzida pela participante da pesquisa apresenta uma diversidade muito grande de palavras, as quais dão a ideia de estarem dentro de um mesmo campo, representado por um círculo. Além disso, essa

diversidade aponta para várias possibilidades da teoria curricular; entretanto, as palavras com maior destaque e a descrição remetem à relevância que a profissional dá ao planejamento para a significação curricular. Lopes e Macedo (2011) explanam sobre planejamento e explicam o quanto essa ação se confundiu por muito tempo com o próprio significado de currículo. Por ser a tradição conceitual que inaugurou os estudos sobre currículo, estes se dedicavam aos métodos e aos modelos mais qualificados para o planejamento curricular, sendo um legado muito forte até os dias atuais.

A ação de planejar na área educativa é extremamente relevante, pois pode possibilitar a elaboração coletiva de objetivos e a produção de um trabalho dialógico, como evidencia a professora participante da pesquisa. Todavia, é necessário atentar ao que Lopes e Macedo (2011, p. 69) alertam sobre essa ação:

Explicitar o quanto qualquer planejamento curricular é arbitrário e produzido em meio a relações de poder que tornam algumas coisas (in)dizíveis é a tarefa diária que talvez nos possibilite abrir espaço para o desplanejamento. Desplanejar não significa agir sem planejar, mas agir segundo um planejamento que, no mesmo ato, é desmontado.

O conceito de “desplanejar”, proposto por Lopes e Macedo (2011), aborda a relevância de observar a proposição dos planejamentos curriculares, os quais, na maioria das vezes, não são construídos pelas pessoas que efetivamente vivem o mundo escolar. Desplanejar abre possibilidades para que se possa reconstruir cada realidade educacional com a valorização das vivências e culturas que ali se encontra, tal como transparece a professora do Ensino Médio em sua produção.

A ausência e o seu sentido

Dos quatro convites feitos e aceitos, apenas uma imagem não foi enviada para a composição do trabalho. Assim como os aportes imagéticos revelam importantes considerações às pesquisas, a ausência também é um dado para análise. Embora seja um elemento que possa parecer vazio de evidências, é passível de elaboração de inúmeras hipóteses, ou, como apresentam Lopes e Macedo (2011, p. 253), “[...] o excesso de sentido que não

pode ser simbolizado a não ser como lugar vazio” – nesse caso, a opção (intencional ou não) de não entregar a produção combinada.

Hall (2016, p. 25) argumenta que “[...] o sentido é visto como algo a ser produzido – construído – em vez de simplesmente encontrado”, por isso, conhecendo a realidade que os professores e as professoras da Educação Básica da rede pública vivem, busca-se construir o sentido do “lugar vazio” que essa falta representa. Talvez esse seja um lugar vazio pela falta de tempo para preenchê-lo. Sabe-se da grande carga de trabalho que os/as docentes da Educação Básica enfrentam diariamente, muitas vezes com jornadas semanais de 60 horas para ter uma remuneração adequada às suas necessidades. Além disso, as constantes cobranças por resultados, principalmente das avaliações externas, acabam por massificar o trabalho dos professores e das professoras, tornando o preenchimento do “lugar vazio” inalcançável.

O “lugar vazio” acaba por tornar-se o tempo de estudo, de pesquisa, de participação em eventos educacionais e muitas vezes até mesmo de autocuidado. Não é raro ver professores e professoras abdicando de algumas (ou várias) coisas para cumprir suas demandas profissionais. Lopes e Macedo (2011, p. 253) são esperançosas em relação a certas ausências; para as autoras “[...] um sujeito a quem sempre falta algo é a condição para a ação”. O desejo de mudança parte da falta que o ser humano sente de algo, e as constantes reivindicações por condições dignas de trabalho confirmam o quanto os/as profissionais do magistério desejam preencher o “lugar vazio”.

Considerações finais

O mundo imagético, tão vasto no cotidiano dos seres humanos, também começa a ganhar espaço no campo das pesquisas. As produções visuais, fotografias, desenhos, filmes, entre outros, tornam-se importantes aliados nas investigações educativas. A presente pesquisa tornou-se um potente exercício para o desenvolvimento do senso de análise dos fenômenos visuais; e, por meio das contribuições das professoras e do professor que aceitaram participar do trabalho, é possível apresentar algumas ponderações sobre o currículo e as suas imagens.

Protagonismo dos professores e das professoras: mesmo o professor participante e as professoras participantes da pesquisa tendo duas opções,

produzir ou escolher uma imagem, ele e elas optaram pela criação da sua própria produção visual para representar o currículo. É possível perceber o protagonismo que há na docência, e o próprio trabalho pedagógico incentiva essa posição. Observar, traçar objetivos, planejar, propor ações e avaliar são alguns dos movimentos que remetem ao protagonismo dos professores e das professoras, e essa característica se evidencia nas imagens enviadas.

Uma imagem, várias teorias: as produções visuais são ferramentas ricas de significados, podendo uma imagem construir diversos sentidos. A proposição deste trabalho foi analisar as imagens enviadas, tentando relacioná-las à obra *Teorias de Currículo*, de autoria de Lopes e Macedo (2011). Como já mencionado, não foi a intenção catalogar as imagens de acordo com uma teoria, mas, sim, perceber os conceitos mais evidentes na produção e explicar um pouco sobre algumas de suas características. Foi possível observar a quantidade de concepções que permearam cada imagem, indicando que nenhuma teoria se desenvolve isoladamente. Assim, todas estão interligadas e vão formando as ideias e as visões de mundo a partir das percepções que os sujeitos vão construindo.

A expressão com palavras: o mundo imagético está cada vez mais conquistando espaço e mostrando sua potencialidade no campo da pesquisa educacional. Entretanto, é possível observar o quanto o hábito de se expressar com palavras em detrimento da imagem ainda é forte. Das três produções imagéticas, apenas uma não utiliza elementos textuais; nas outras duas, as palavras eram parte da produção. As pesquisadoras também utilizaram elementos da descrição para a análise, o que evidencia o quanto o exercício de expressão e interpretação de imagens ainda precisa ser desenvolvido, visto as relevantes possibilidades que o mundo imagético proporciona.

Pluralidade de concepções: cada participante da pesquisa apresentou uma concepção diferente de currículo. Embora em diversos momentos os elementos das imagens se entrelacem em alguma teoria, a ideia final acaba sendo distinta. Essa pluralidade é de extrema relevância, pois associada a um pensar coletivo da educação é capaz de proporcionar um currículo mais democrático e, conseqüentemente, mais justo.

Referências

CUNHA, Susana Rangel Vieira. Algumas considerações sobre as imagens. In: MARTINS, Raimundo; MARTINS, Alice Fátima (org.). *Trânsitos e fronteiras em educação da cultura visual*. Goiânia: UFG/FAV; FUNAPE, 2014. p. 157-179.

CUNHA, Susana Rangel Vieira. Qual o lugar dos materiais visuais na pesquisa em educação?. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 69-91, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/TmwTvNXHD58QKrLsp3bnR8S/?lang=pt>. Acesso em: 20 jul. 2023.

DIAS, Ronnie Franklin; MARTINS, Raimundo. Imagem-mundo, faces e contra faces identitárias de uma festa em Mazagão Velho – Amapá. In: MARTINS, Raimundo; MARTINS, Alice Fátima (org.). *Trânsitos e fronteiras em educação da cultura visual*. Goiânia: UFG/FAV; FUNAPE, 2014. p. 133-155.

FERREIRA, Liliana Soares. *Trabalho Pedagógico na escola: sujeitos, tempo e conhecimentos*. Curitiba: CRV, 2017.

FISCHAMN, Gustavo E. Las fotos escolares como analizadores em La investigación educativa. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 79-94, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6846>. Acesso em: 13 jul. 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, Sílvio. Currículo (entre) imagens e saberes. *Unisinos*, 2007. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/373/2019/04/GalloEntreImagenseSaberes.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2021.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio, Apicuri, 2016.

HERNÁNDEZ, F. Elementos para una gênesis de un campo de estudio de las prácticas culturales de la mirada y la representación. *Visualidades*, Goiânia, v. 4, n. 1 e 2, p. 12-62, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/17998>. Acesso em: 13 jul. 2023.

LEITE, Maria Cecília Lorea; DIAS, Renato Duro. Diálogos entre imagens, justiça e educação jurídica. *Currículo sem Fronteiras*, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 5-20, jan./abr. 2016. Disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/laboratorioimagensjustica/files/2020/08/Di%C3%A1logos-entre-imagens-justi%C3%A7a-e-educa%C3%A7%C3%A3o-jur%C3%ADdica.-Curr%C3%ADculo-sem-Fronteiras.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2021.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. *Teorias de Currículo*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, Raimundo. A Cultura Visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. *In: OLIVEIRA, Maria Oliveira (org.). Arte, educação e cultura*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2015. p. 17-37.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. A justiça curricular nas atuais políticas educativas e curriculares. *In: LEITE, Maria Cecília Lorea; HENNING, Ana Clara Corrêa; DIAS, Renato Duro (org.). Justiça curricular e suas imagens*. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 17-49.

Recebido em: 30/09/2023.

Aceito em: 13/12/2023.

Carmen Eloísa Berlote Brenner

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pedagoga na Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Áreas de interesse: Currículo; Trabalho pedagógico; Pós-graduação; Imagens.

 eloisabrenner@gmail.com.br

 <http://lattes.cnpq.br/9746983508214859>

 <https://orcid.org/0000-0003-2290-9461>

Maria Cecília Lorea Leite

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-Doutorado na *Université Paris 8*. Professora Associada da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Áreas de interesse: currículo, gestão democrática, educação jurídica, pedagogia jurídica, imagens da justiça, ensino superior e universidade.

 mclleite@gmail.com.br

 <http://lattes.cnpq.br/6507656416518174>

 <https://orcid.org/0000-0002-9197-2299>